



Um regresso à Quinta da Ribeira (Tralhariz, Carrazeda de Ansiães): um século após a intervenção de Ricardo Severo

PEDRO PEREIRA¹

¹ Arqueólogo e investigador associado do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (Faculdade de Letras da Universidade do Porto). O presente texto resulta de um trabalho realizado para a empresa Archeo'Estudos, Investigação Arqueológica Lda. no decurso de sondagens de diagnóstico no sítio da Quinta da Ribeira.

RESUMO

O sítio da Quinta da Ribeira foi, aquando da sua descoberta, no virar do século XX, considerado o mais importante sítio do período romano no Alto Douro. Desde a descoberta e da primeira intervenção de Ricardo Severo, foram muitos os investigadores que se debruçaram sobre o sítio, embora quase sempre com base nas publicações de Severo (1903-1908) e de José Leite de Vasconcellos (1900). O presente artigo constitui uma primeira notícia dos resultados de uma intervenção de diagnóstico realizada na Quinta da Ribeira, em 2022, por parte da empresa Archeo'Estudos, Investigação Arqueológica Lda.

PALAVRAS-CHAVE

Romanização; Carrazeda de Ansiães;
Quinta da Ribeira.

ABSTRACT

The site of Quinta da Ribeira has been considered, since its discovery in the beginning of the 20th century, as the most important roman site on the Douro Valley. Since the first dig of the site, directed by Ricardo Severo, many researchers have written about this site, though almost always based on the articles by Severo (1903-1908) and José Leite de Vasconcellos (1900). This article constitutes a first report on the results of a diagnostic operation done on the Quinta da Ribeira site, in 2022, by Archeo'Estudos, Investigação Arqueológica Lda.

KEYWORDS

Romanisation; Carrazeda de Ansiães;
Quinta da Ribeira.

A descoberta inusitada do sítio da Quinta da Ribeira, em Tralhariz, fez com que, no início do século XX, alguns dos nomes de referência do início da arqueologia portuguesa realizassem a então longa viagem ao concelho de Carrazeda de Ansiães, para a visitarem e documentarem.

O primeiro artigo sobre o sítio provém da mão de José Leite de Vasconcellos (1900), em que o autor descreve, de uma forma muito própria, a viagem e as suas primeiras impressões sobre este sítio que se tornaria paradigmático na história clássica do Vale do Douro. Leite de Vasconcellos descreve a sua chegada ao sítio e os vestígios, algo sumariamente, sendo que refere ainda que leva material do sítio, nomeadamente pedaços de estuque pintados e de mosaicos, fragmentos de cerâmica comum e importada, entre a qual Francisco Sande Lemos identifica um fragmento de *sigillata* da segunda metade do século I e materiais comuns passíveis de serem classificados como sendo do mesmo período (Lemos, 1993, pp. 138-139).

Ricardo Severo, que escreve sobre o sítio da Quinta da Ribeira apenas em 1903 e que aparenta ter visitado o sítio antes de Leite de Vasconcellos – “Soube, dias depois da minha volta de Tralhariz, que tinha partido par ahi o illustre director do Museu Ethnologico” (Severo, 1903-1908, p. 398) –, descreve o achado, pelo feitor e trabalhadores da Quinta, mas também refere que realizou “[...] escavações em alguns pontos, e mais não permitiram os dias de que dispuz [...]” (Severo, 1903-1908, p. 391). Curiosamente, ambos os autores referem que a estação pertence ao Estado, ainda que seja necessário retornar a esta questão mais tarde. Ao longo do seu artigo, Severo descreve

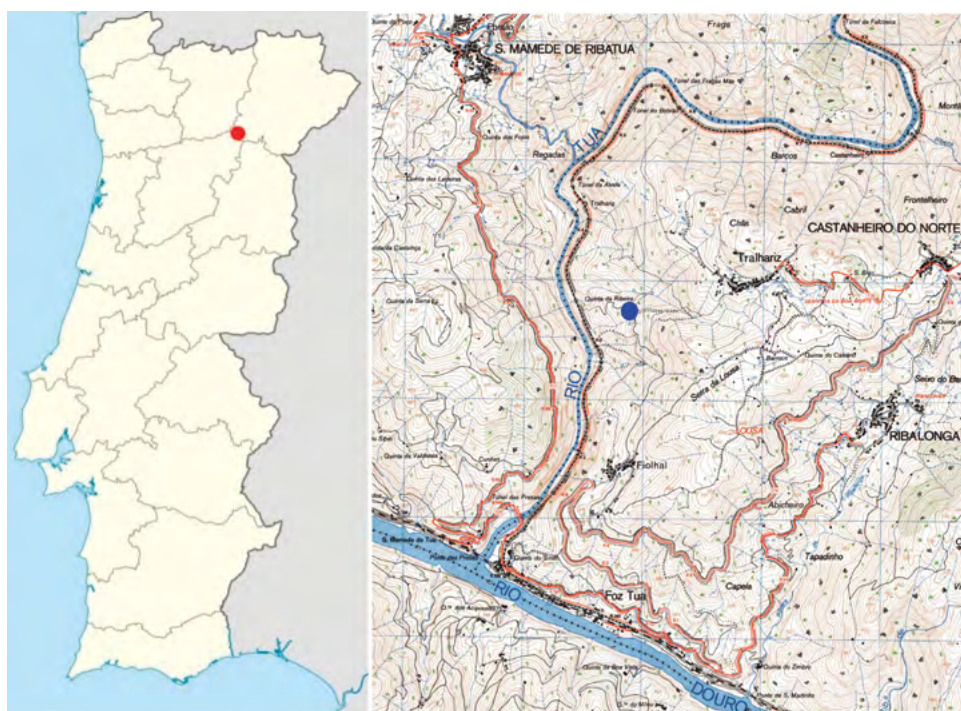


Figura 1. Localização da Quinta da Ribeira (Tralhariz, Carrazeda de Ansiães).



Figura 2. Um dos painéis de mosaicos da Quinta da Ribeira (Severo, 1903, p. 395).

as estruturas, com pelo menos dois edifícios e três divisões bem delimitadas, cujas paredes foram construídas sobretudo com recurso a blocos heterogêneos de granito e com argamassa “[...] de cal ou barro [...]” como material ligante. Refere ainda que as paredes seriam revestidas, encontrando-se ainda testemunhos desta realidade. Relativamente à arquitetura do espaço, refere ainda as soleiras de portas e uma série de colunas, fustes e bases em granito, parte das quais estão, ainda, na Quinta da Ribeira, ainda que, aparentemente, estivessem num contexto de revolvimento. Finalmente, um elemento interessante que Severo refere ainda é a presença de tijolos envoltos em *opus signinum*, muito provavelmente partes de estruturas de arcos, comprovadas, de resto, por uma peça que Vasconcellos publica (1900, p. 198) e outra descoberta na intervenção que tivemos a oportunidade de realizar este ano no sítio.

Severo descreve ainda o panorama “decorativo” do sítio, com inúmeros fragmentos de estuques pintados, e os mosaicos, sobretudo compostos por *tesselae* em calcário.

Os desenhos apresentados na figura 2 são complementados pela descrição de outros fragmentos, parte dos quais seria publicada mais tarde por Russel Cortez (1946, 1951). Posteriormente, Severo refere os materiais líticos, dos quais devemos destacar a referência a “Uma pedra [...] de meio metro de comprimento, vazada em forma de caleira [...]”, ainda presente no sítio, ainda que reutilizada enquanto banco na zona da adega.

Infelizmente, relativamente ao material cerâmico, Severo não apresenta desenhos, apenas descrições. Refere, para além do material de construção, pelo menos seis *dolia* e cerâmicas finas cinzentas, de pastas claras e, muito provavelmente, *terra sigillata*. Finalmente, relativamente aos metais, apenas refere o aparecimento de alguns elementos em ferro e bronze e um numisma, que data entre os reinados de Licinius e Valentinianus III, entre os séculos IV e V.

Após a descoberta do sítio da Quinta da Ribeira, e ainda que os dois investigadores que visitaram o sítio refiram a sua importância, a situação da Quinta aparenta ter caído no esquecimento.

Aquando da descoberta do sítio romano, a Quinta da Ribeira era propriedade de Cândido Albino de Frias Sampaio e Melo. A sua promessa de a entregar ao Estado – feita a Leite de Vasconcellos (1900, p. 201) – aparenta nunca se concretizar.

O estudo do mundo rural contemporâneo pode ser complexo, ainda que exista uma grande quantidade de documentação. Felizmente, em 2007, a Casa de Tralhariz foi alvo de um estudo por parte de Ana Portela e Francisco Queiróz (2007), que abordam, ainda que apenas vagamente, a propriedade da Quinta da Ribeira, ambas do mesmo proprietário. A verdade é que a Quinta aparenta passar, por herança, para o seu sobrinho, Domingos Frias de Sampaio e Melo, que se havia casado com uma das filhas de Cândido Albino. Em 1908, Cândido Albino já não aparece nos róis das finanças e, tal como os autores admitem, provavelmente teria falecido. A verdade é que Domingos Frias de Sampaio e Melo, um advogado em Carrazeda de Ansiães e casado com uma das filhas de Cândido Albino, muda-se para Tralhariz, em 1907, mas apenas irá ficar nesta zona possivelmente devido aos vários cargos que ocupará ao longo da vida. Membro do diretório do Partido Republicano Português, é indigitado para Secretário Geral de Moçambique, em 1912, onde chegará a ser governador. Entre 1915 e o fim da sua vida, irá passar por uma miríade de cargos, chegando a ser presidente da Câmara de Carrazeda de Ansiães e Governador Civil de Bragança.

Ana Portela e Francisco Queiróz referem que, aquando das suas entrevistas, a casa terá sido vendida a Feliciano Gonçalves Martinho, que nunca chega a habitar durante muito tempo na zona (Portela e Queiróz, 2007, p. 111). Falecida em 1934, a Casa de Tralhariz seria vendida, certamente antes de 1939, ao Dr. Manuel Joaquim Pereira dos Santos. A família será proprietária da Casa de Tralhariz até à década de 1970, quando a mesma será vendida. Embora a Quinta esteja associada à Casa até, pelo menos, à década de 1930, pouco sabemos acerca da propriedade na segunda metade do século XX.

Ao longo das últimas décadas foram previstas, pelo menos, duas intervenções arqueológicas no sítio da Quinta da Ribeira: a primeira, por Carlos Alberto Brochado de Almeida, em 1987, nunca terá sido realizada; a segunda, por Alexandra Lopes, em 2010, relacionada com o decurso dos trabalhos no empreendimento de Aproveitamento Hidroelétrico de Foz Tua, acabaria por ser realizada numa cota muito abaixo da área onde os vestígios foram descobertos no início do século XX, sem terem sido identificados materiais arqueológicos. Foi, no início do presente século, alvo de prospeções e inserido na Carta Arqueológica de Carrazeda de Ansiães (Pereira e Lopes, 2005).

Em 2020, a Quinta da Ribeira foi adquirida por Leonardo Jardim e, no decurso do processo de licenciamento para a reabilitação e ampliação da Quinta, foi determinado pela Direção Regional de Cultura do Norte e pelo Município de Carrazeda de Ansiães que fossem realizadas sondagens de diagnóstico. Foi contratualizada a empresa Archeo'Estudos, Investigação Arqueológica Lda. para o efeito, tendo os trabalhos de campo sido dirigidos por nós, com o apoio da arqueóloga Susana Temudo e do técnico de arqueologia Raúl Costa, ao longo de seis semanas.

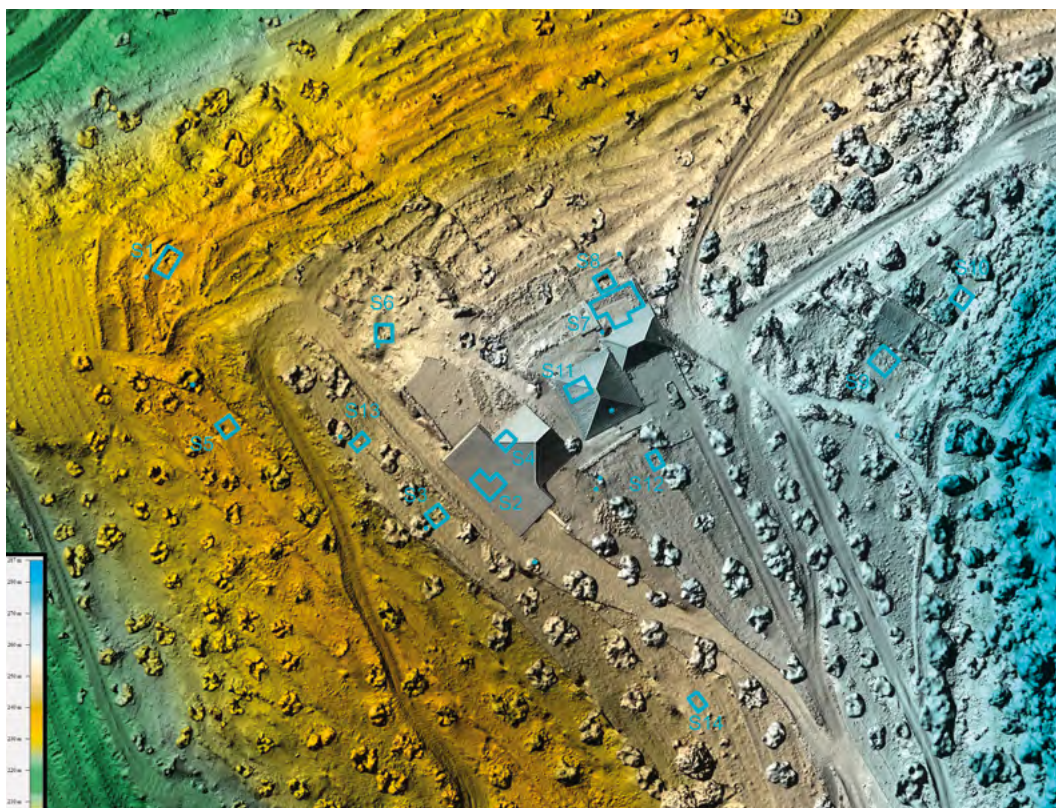


Figura 3. Ortofotograma da área da Quinta da Ribeira em modelo de elevação digital, com a localização das sondagens realizadas (março de 2022, sobre ortofotogrametria realizada por Hugo Pires).

A intervenção de 2022 na Quinta da Ribeira estendeu-se por um total de cerca de 150 m², divididos num total de 14 sondagens. A localização das sondagens cingiu-se, maioritariamente, às zonas onde serão, previsivelmente, realizadas movimentações de sedimentos durante o processo de construção, tanto ao nível da reconstrução dos edifícios pré-existentes, ou seja, da adega, edifício dos lagares, lojas, casa do caseiro e ruína da casa principal, como das cinco novas construções planeadas.

As sondagens 1, 2, 7, 11 e 14 foram alvo de alargamentos, devido à identificação de possíveis estruturas ou níveis com potencial arqueológico. No caso das sondagens 12 e 13, estas foram realizadas com o objetivo, no primeiro caso, de tentar identificar a zona onde se realizou a intervenção de Ricardo Severo e, no segundo, para tentar compreender se a estrutura, extremamente deteriorada, detetada na sondagem 3 teria continuidade e se estaria conservada mais a norte.

Infelizmente, ainda que na grande maioria das sondagens tenha sido possível identificar material de cronologia clássica, sobretudo sob a forma de materiais de construção, não foi possível identificar níveis de ocupação clássica bem delimitados e selados. A maioria do material de cronologia antiga surgiu em níveis muito heterogéneos, fruto da atividade agrícola intensiva de que a Quinta da Ribeira foi alvo ao longo do último século.

Nas sondagens 1 e 5, por exemplo, foram identificados covachos ou “caixotes”, estruturas que eram preparadas para albergar as videiras no período pré-filoxérico, enquanto no caso da sondagem 14 foram identificados dois pés de esteios em xisto. Embora conheçamos mal a história da Quinta anterior ao século XX, o facto de, no virar do século, estar a ser realizado um investimento importante para plantação de oliveiras nesse momento leva-nos a crer que esta Quinta, tal como todas as quintas do Vale do Douro, terá sido fustigada pela filoxera e foi necessário reformular tanto a cultura agrícola primária da Quinta como as estruturas (recordemos, por exemplo, que o edifício da adega da Quinta possui um lintel datado de 1871, provavelmente a data de conclusão da mesma). Paralelamente, a estrutura original da Quinta estaria centrada no que hoje é a loja da lenha, com uma entrada ornada de blocos graníticos e em frente à qual implantámos a sondagem 7, que revelou um piso em calçada de xisto em espinha, com um veio de escoamento de águas e um grande coberto, cujos testemunhos ainda são bem visíveis.

A presença antiga no terreno da Quinta da Ribeira é ainda bem visível, sobretudo sob a forma de elementos arquitetónicos antigos reutilizados nos muros dos patamares e nas próprias estruturas. No decurso da realização das sondagens de diagnóstico, identificámos e assinalámos um total de 31 elementos arquitetónicos (nos quais não incluímos elementos de tipo *tegula* e *latera*) de possível cronologia clássica ou cujo valor patrimonial intrínseco leva a que seja essencial a sua preservação, *in situ*, ou, no caso de se realizarem operações de construção ou reconstrução nessas áreas específicas, remover os elementos e conservá-los. Em dois casos específicos, localizados fora das áreas onde serão realizadas movimentações de solos, foram identificados, por exemplo, elementos que permitem colocar a hipótese de que poderão ser restos das estruturas intervencionadas por Ricardo Severo, com uma orientação e dimensão similares às descritas no artigo de 1903: “Mais ao Nascente descobriu-se um extenso muro se suporte e, formando uma estreita passagem de permeio, outra parede em direcção paralela, com cunhal de cantaria ou humbreira que parece constituir parede exterior do edificio” (Severo, 1903-1908, p. 392).

A intervenção de 2022 na Quinta da Ribeira revelou a existência de uma presença rica durante a Antiguidade, um dado que era já conhecido da intervenção de Severo (Pereira, 2022). No entanto, foi possível clarificar algumas das questões que o investigador colocou durante a sua curta intervenção: que existiram, efetivamente, estruturas mais complexas, como arcos em *laterae*, o que, conciliado com os painéis de mosaicos e a existência de colunas, permite depreender uma realidade arquitetónica rica e não um reflexo do que até há muito pouco tempo era defendido por investigadores, que apon-tavam para uma ocupação eminentemente rural do Douro durante a Antiguidade, mas sem o *otium cum dignitate* das grandes *villae* do Sul da Península Ibérica.

O material proveniente da intervenção na Quinta da Ribeira continua em estudo. Todavia, é muito interessante observar a heterogeneidade cronológica: a maioria do material é proveniente de momentos muito recentes, sobretudo dos séculos XIX e XX, enquanto são discerníveis raros materiais passíveis de serem datados do século XVIII. Os materiais clássicos são raros, como descrevemos anteriormente. No entanto, a presença



Figuras 4 e 5. Restituição das estruturas descobertas por Ricardo Severo, em 1900, e cliché do mesmo (Severo, 1903-1908).

de *terra sigillata hispânica* (num total de cinco fragmentos, dos quais é possível discernir pelo menos dois indivíduos de tipo Drag. 37), datável de meados do século II da nossa era, permite aferir uma cronologia de ocupação antiga de longa duração, se conciliarmos estes dados com os de Ricardo Severo. O restante material de cronologia antiga é composto maioritariamente por cerâmica comum silicosa, com uma predominância de formas de potes. É ainda interessante verificar a presença de três fragmentos de *dolia*, incluindo um bordo, do tipo 3 de Rumansil I (Pereira e Morais, 2015), normalmente associado ao armazenamento de vinho ou derivados vinícolas.

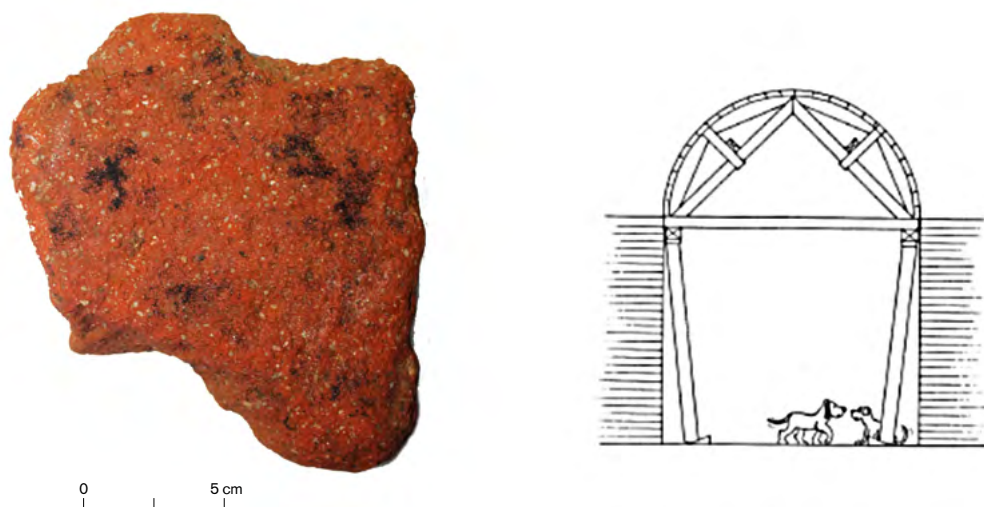


Figura 6. *Laterna de arco ou cuneatus* e exemplo de restituição funcional (Adam, 1993, p. 189).

Infelizmente, a maioria dos sítios arqueológicos de cronologia similar à da Quinta da Ribeira que se encontra no seu entorno nunca foi alvo de intervenções no terreno, para além de prospeções, sobretudo direccionadas, como as realizadas pelo Instituto Português de Arqueologia, há cerca de duas décadas. Embora extremamente importantes para garantir a proteção dos sítios arqueológicos, a degradação, muitas vezes extremamente veloz, a que são sujeitos os sítios no Vale do Douro, seja através da erosão natural, seja através de novas plantações ou surribas de antigas, seja mesmo através de novas construções, urge a que seja essencial a continuidade da realização de prospeções sistemáticas neste território, para que seja possível proteger ao máximo estes sítios, dos quais sabemos muito pouco, tal como já defendemos anteriormente (Pereira, 2018).

A importância do sítio da Quinta da Ribeira para o estudo da romanização do Vale do Douro foi e é essencial: será após a descoberta deste sítio que se irá realizar uma série

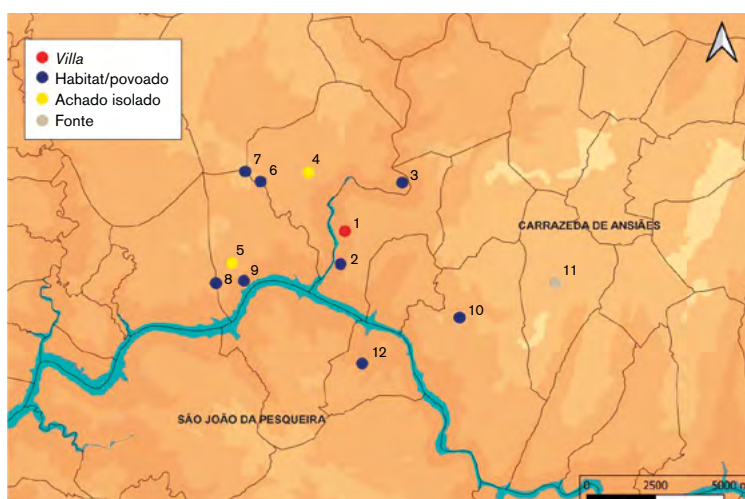


Figura 7. O sítio da Quinta da Ribeira e o seu enquadramento regional com outros sítios clássicos.

de intervenções no território, tais como as da Quinta do Noval ou do Alto da Fonte do Milho, que irão começar a desvendar uma ocupação clássica rica do Vale do Douro. Seriam necessárias várias décadas após a intervenção de Russel Cortez no Alto da Fonte do Milho, na década de 1940, para que se voltassem a realizar novos projetos de investigação no Vale do Douro dedicados à romanização. Pela mão de investigadores como Carlos Brochado de Almeida (2006), com as suas intervenções em Alijó ou Marialva, António de Sá Coixão (1995, 2017), com o trabalho riquíssimo e transversal realizado em todo o território entre os Vales do Côa e do Douro, Nelson Rebanda, no território de Torre de Moncorvo, Joaquim Gonçalves Guimarães, com as intervenções em Ervamoira, São Salvador do Mundo e, mais recentemente, em Crestuma, Lino Tavares Dias, nas intervenções em Tongóbriga, Tony Silvino, nos seus trabalhos com António Sá Coixão (Silvino, Coixão e Pereira, 2020), e, mais recentemente, na área de Pegarinhos (Silvino e Pereira, 2017, 2020), Pedro Carvalho (Carvalho, *et al.*, 2017), com os trabalhos desenvolvidos no Vale do Tua e território circundante, e tantos outros que são, infelizmente, demasiados para citarmos aqui, as últimas décadas têm demonstrado que ainda existe uma dimensão do processo de romanização e da presença clássica no Douro extremamente interessante e a ser descoberta, ano após ano.

Referências bibliográficas

Adam, J.-P., 1993. *La construction romaine*. Paris: Errance.

Almeida, C. A. B., 2006. *História do Douro e do Vinho do Porto – Volume I – História Antiga da Região Duriense*. Porto: Afrontamento.

Carvalho, P. C., Gomes, L. F. C. e Marques, J. N., 2017. *Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua (Concelhos de Alijó, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor). Volume I*. Porto: EDP, S.A. / Edições Afrontamento.

Coixão, A. N. S., 1995. *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

Coixão, A. N. S., 2017. *A Romanização do Baixo Côa*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Cortez, F. R., 1946. Mosaicos Romanos do Douro. *Separata dos Anais do Instituto do Vinho do Porto*, 4.

Cortez, F. R., 1951. As escavações arqueológicas do “Castellum” da Fonte do Milho. Contributo para a demografia duriense. *Anais do Instituto do Vinho do Porto*, 12(1).

Lemos, F. S., 1993. *Povoamento Romano em Trás os Montes Oriental*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho.

Pereira, P., 2018. O mundo rural romano no Vale do Douro. In: L. T. Dias e P. Alarcão, coords. 2018. *Construir, Navegar, (Re)Usar o Douro da Antiguidade*. Porto: CITCEM.

Pereira, P., 2022. *Nota técnica relativa à intervenção na Quinta da Ribeira (Tralhariz, Carrazeda de Ansiães)*. Alter do Chão: Archeo'Estudos, Investigação Arqueológica Lda.

Pereira, P. e Morais, R., 2015. Estudo crono-tipológico de dolia romanos em Portugal. *Cuadernos de la SECAH*, 2, Tomo I, 002(1), pp. 33-44.

Pereira, P. e Lopes, I., 2005. *Património arqueológico do concelho de Carrazeda de Ansiães*. Carrazeda de Ansiães: Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães.

Portela, A. e Queiróz, F., 2007. *A Casa de Tralhariz e a Capela do Bom Jesus*. Porto: Instituto de Genealogia e Heráldica da Universidade Lusófona do Porto / GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto.

Silvino, T., Coixão, A. N. S. e Pereira, P., 2020. Rumansil I. *Conímbriga*, 59, pp. 73-111.

Silvino, T. e Pereira, P., 2017. O projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da aldeia de Pegarinhos (Alijó) – Em busca das origens da Romanização do Douro. In *Actas do 2.º Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, pp. 1085-1095.

Silvino, T. e Pereira, P., 2020. Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro. In *Actas do III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses – Arqueologia Estado da Questão*, pp. 1243-1255.

Severo, R., 1903-1908. Notícia da estação romana da Quinta da Ribeira em Tralhariz. *Portugália*, 1, pp. 391-398.

Vasconcellos, J. L., 1900. Estação romana da Quinta da Ribeira, Tralhariz. *O Arqueólogo Português*, 1.ª série, 5, pp. 193-201.